

MODALIDADE: UM CAMINHO PARA LEITURA EM LÍNGUA INGLESA

Maria Inez Mateus DOTA¹

- RESUMO: Este artigo sugere, a partir de análise da operação de modalização, comum às diversas línguas, trabalho prático com texto, visando ao aprimoramento do ensino de leitura em língua inglesa.
- PALAVRAS-CHAVE: Modalidade; leitura; enunciação; enunciadores.

1 Introdução

Na busca de um caminho estratégico e de elementos facilitadores para o ensino de leitura em língua inglesa, optamos por trabalhar com a categoria da modalidade. Essa escolha se deve ao fato de que, nessa categoria, subjaz uma operação da linguagem – a operação de modalização –, comum às diversas línguas naturais, favorecendo, dessa forma, o aproveitamento da experiência que o aprendiz possui de sua língua materna.

Esta discussão se inicia com uma perspectiva mais restrita da abordagem enunciativa, em que aparecem os sujeitos enunciadores dentro do enunciado, as relações que estes estabelecem com os co-enunciadores e a atitude que eles têm com relação a seus enunciados, ou seja, o “colocar em funcionamento da língua por um ato individual de apropriação” (Benveniste, 1989, p.82). A enunciação remete, assim, ao ato pelo qual um indivíduo “se apropria do aparelho formal da língua” e “enuncia sua posição de locutor” (p.84).

Culioli (1976; 1985), embora marque uma continuidade com relação a Benveniste, no sentido de que ambos ultrapassam a separação entre língua e fala, crê que não há um conjunto delimitado de índices formais da enunciação; toda forma, toda unidade, toda configuração é o lugar do processo enunciativo. O conceito culioliano de enunciação é definido como a constituição de um enunciado. Se existe um aparelho, deve ser a língua como um todo.

¹ Departamento de Ciências Humanas – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP – 17033-360 – Bauru – SP.

Dentro dessa visão do processo enunciativo, Culioli (1976, p.69) define a modalização como uma operação pela qual se afeta o enunciado com uma modalidade, sendo, portanto, a modalidade a categoria gramatical.

Quando produz um enunciado, o enunciador sempre toma posição com respeito à relação predicativa: ele emite um julgamento. Concordamos, pois, com a teoria de Culioli, ao considerar que *todo enunciado é modalizado*.

2 Tipos de modalidade

Fundamentamos nossa análise em quatro tipos de modalidade abordados por Culioli (1976, p.69-74; 1985, p.80-6), embora ele próprio observe que uma operação de modalização possa pertencer a mais de um tipo, uma vez que essas operações se imbricam em suas configurações no texto. Baseando-nos, também, nas reflexões de Bouscaren & Chuquet (1987), Vignaux (1988), Bouscaren (1991), Boivin et al. (1992) e Souesme (1992), discorreremos, a seguir, sobre cada um dos tipos de modalidade, abordados dentro da teoria das operações enunciativas.

2.1 Modalidade 1

Com a asserção – o enunciador valida² o conteúdo da relação predicativa como verdadeira ou como falsa, afirmando ou negando. Fala-se, então, de modalidade afirmativa, quando o enunciador se engaja com relação à asserção positiva de base (por exemplo, “*I drink beer*”); de modalidade negativa, quando ele considera que nenhuma relação existe entre sujeito e predicado (“*I don't drink beer*”).

Com a interrogação – se o enunciador percebe que o conteúdo daquilo que ele diz pode ser validado, mas que ele não é capaz de efetuar esta validação, ele se utiliza da interrogação. Não assume pessoalmente a posição entre o falso e o verdadeiro; propõe ao co-enunciador a decisão sobre a validação. A interrogação adquire, aqui, um valor subjetivo. Assim, a interrogação pode revelar, ao mesmo tempo, a modalidade assertiva e a modalidade intersubjetiva (modalidade 4).

Com a injunção – trata-se de um valor que não é nem a asserção, nem a interrogação; esse termo recobre a súplica, a ordem, o desejo, o pedido e a sugestão. Culioli assim a define:

Trata-se de algo que parece pertencer ao domínio 4 mas que eu coloco em 1, porque é a anti-asserção por excelência: na asserção, dizemos que tal coisa é ou não é e, na injunção, dizemos: “que tal coisa seja ou não seja”. Declaradamente, temos as propriedades que são da or-

2 Validar uma relação predicativa significa que o enunciador indica, no extralingüístico, a realização da relação sujeito-predicado.

dem da forma modal intersubjetiva [modalidade 4] e, de outro lado, é, também, do nível 1 [modalidade 1], mas, simplesmente, como o inverso da asserção (1985, p 81)

O imperativo, por exemplo, remete a algo que não é nem verdadeiro nem falso, mas que pode vir a ser verdadeiro ou falso; é a asserção que diz respeito à consequência eventual da injunção

Com o hipotético – no domínio do hipotético, Souesme (1992, p.7) aponta a mesma situação que na modalidade afirmativa: ou o enunciador coloca a hipótese de maneira absoluta, considerando como sabida a existência da relação, e não há marca explícita de modalidade; ou ele emite uma hipótese positiva, de preferência com relação a uma hipótese negativa colocada preliminarmente. Nesse último caso, tem-se novamente o trabalho de se levar em conta a relação predicativa pré-construída, operação marcada na superfície do inglês pela presença de "do", que se pode considerar como modal de dúvida na relação predicativa ("If I did go to Paris", "I'd stay in a hotel").

São marcas da modalidade 1 na língua inglesa: "do" (que se combina com as marcas de tempo), "have", "be" (que fazem, também, aparecer tempo e aspecto); marcas de negação, interrogação, repñse, contradição etc.

2.2 Modalidade 2

Também conhecida como modalidade epistêmica,³ estabelece uma relação entre o enunciador e o conteúdo da proposição representada pela relação predicativa. Não se trata de uma questão de falso ou verdadeiro, como ocorre na asserção. O valor específico dessa modalidade é que ela exprime uma ausência de certeza por parte do enunciador quanto à validação da relação predicativa. Trata-se de uma avaliação essencialmente quantitativa, uma vez que ela oscila entre o provável, o improvável, o possível, o incerto etc. ("He may come to the meeting").

A ausência de certitude veiculada por essa modalidade tem um valor argumentativo, uma vez que ela se inscreve num diálogo implícito em que o enunciador supõe o que seu co-enunciador pensa.

Marcam essa modalidade, em inglês, os auxiliares modais, como "can", "may", "must" etc.; alguns advérbios também qualificados como modais, "probably", "perhaps", "maybe" e, por exemplo, os adjetivos correspondentes, "probable", "possible"; substantivos como "possibility"; ou até mesmo verbos como "seem" e "happen".

3 "Epistêmico" é derivado da palavra grega que significa "conhecimento", isto é, o estado de conhecimento do enunciador sobre as possibilidades da validação de uma relação predicativa.

Para Bouscaren (1991, p.37), encontram-se, aqui, portanto, todos os valores deônticos:⁴ ordem, permissão, desejo, sugestão, vontade, causação, possibilidade, capacidade etc.

Veremos, a seguir, como essa tipologia pode nos auxiliar a tratar da categoria da modalidade, tendo como objetivo final o ensino da leitura em língua inglesa.

3 Análise do texto: "The language of the future?"

Nesta seção, objetivamos fazer uma análise "pré-pedagógica" do texto "The language of the future?" (em anexo), levando em conta a operação de modalização e, baseados nisso, proporemos exercícios de compreensão (seção 4) que possam ser utilizados num curso de leitura em língua inglesa. Os trechos citados serão numerados seqüencialmente e, entre parênteses, indicaremos os números das linhas.

O texto "The language of the future?" discute a possibilidade de a língua japonesa se tornar a língua do futuro, tamanha é a procura por seu aprendizado nos últimos dez anos.

A opção pela forma interrogativa, no título do texto, já carrega em si uma marca de modalidade:

(1) "The language of the future?"

pode ser glosada por: "Será o japonês a língua do futuro?". O enunciador deixa em aberto tal possibilidade no início do texto.

Essa interrogação marca, também, a presença do outro no texto – o co-enunciador, a quem o enunciador solicita que se pronuncie sobre a asserção (modalidade 1) da relação predicativa: <japonês-ser-língua do futuro>.

Com a interrogação, o jornalista (o enunciador) comunica que não pode fazer a escolha; lança mão de um recurso externo, o interlocutor (o co-enunciador). Estabelece-se, assim, um diálogo entre a revista e os leitores. Atlani comenta as operações que permitem a construção da interrogativa:

O que define a forma interrogativa, propriamente dita, não é somente a operação de percurso, mas, ao mesmo tempo, um recurso explícito ao interlocutor: este é solicitado pelo enunciador por ser, por sua vez, também, um enunciador ... O enunciador define, assim, explicitamente, o interlocutor como um co-enunciador. (1981, p.153 – tradução nossa)

Nesse caso, a interrogação constitui um entrelaçamento das modalidades: tipo 1 (propõe ao co-enunciador validar a relação) e tipo 4 (abre o diálogo com o outro).

No decorrer de todo o texto, o sujeito da enunciação procede a uma constatação dos fatos sobre o aprendizado do japonês: há um grande interesse por essa lín-

4 O termo deôntico, do grego "deon", significa "o que está obrigando" (Lyons, 1979, p.823).

2.3 Modalidade 3

Conhecida como apreciativa, esta modalidade não visa à assunção da relação predicativa, mas à sua qualificação. Por força disso, está descartada a questão do verdadeiro e do falso. Trata-se de fazer uma apreciação sobre o caráter bom, ruim, feliz, infeliz etc. do conteúdo da relação predicativa, sendo, portanto, essencialmente qualitativa.

Para Vignaux (1988, p.110), essa modalidade é a dimensão apreciativa ou afetiva centrada no sujeito enunciador. Ela se compõe ou com a asserção para qualificar o validado, ou com o não-certo para qualificar o valor distinto ou previsto.

São marcas, no inglês – adjetivos, substantivos, verbos, quantificadores etc. (“*It is natural that...*”, “*It is important that...*”) –, que mostram o julgamento do enunciador sobre a relação sujeito–predicado (ou partes dela).

Marcas de retomada de predicado, como “*do that*” e “*do so*”, podem também ser suscetíveis de se comportar como modalidades apreciativas. Souesme exemplifica e comenta:

“You can’t do that in football.”

este enunciado significa: “você não pode fazer isso, não se faz isso no futebol, isso não está bem, isso não se faz”. O modal *can* tem, portanto, um valor deontico. Ainda que o deontico seja, geralmente, classificado na modalidade 4, é possível considerar *can* como portador, também, de um valor apreciativo. (1992, p.9)

2.4 Modalidade 4

É chamada de modalidade intersubjetiva (Culioli, 1976, p.72), na medida em que diz respeito às relações entre sujeitos, sujeito enunciador e sujeito do enunciado. É também conhecida como modalidade radical, porque incide sobre o sujeito do enunciado, em oposição à modalidade epistêmica, que incide sobre toda a relação predicativa.

Assim, são agrupados aqui os casos em que a validação da relação predicativa passa pela propriedade e pela capacidade do sujeito, com “*can*”; pela permissão que o sujeito enunciador atribui ao sujeito do enunciado, com “*may*”; ou pela vontade do sujeito, com “*will*”. A esses valores se ajuntam todas as pressões que o sujeito enunciador pode exercer sobre o sujeito do enunciado: ordem, necessidade, desejo, com “*must*” e “*should*”, ou do engajamento pessoal do enunciador, com “*shall*”; neste último caso, ensejando o valor de predictibilidade. São exemplos de modalidade radical ou intersubjetiva: “*You must study hard*”, “*You shall win this prize*”.

Podem-se incluir aqui, na modalidade 4, as relações entre sujeito enunciador e co-enunciador: “*Shall Peter buy you a ticket?*”.

gua em todo o mundo, mas se trata de um idioma difícil de ser aprendido. Essa constatação, ou evidência, é efetuada por uma operação de modalização: a asserção (tipo 1), assumida ou pelo próprio sujeito da enunciação ou atribuída a um segundo sujeito enunciador, introduzido pelo discurso reportado, direto (na maior parte dos casos) e indireto.

Iniciemos a exemplificação com enunciados assumidos pelo sujeito da enunciação, ou locutor 1:

- (2) "*Last year The Berlitz language center in Paris taught 3,000 classes in Japanese, an increase of 69% since 1986.*" (1.24-6)
- (3) "*American college students, who used to spend a junior year in France or Britain, now frequently go to Japan; the number of Americans studying at Japanese universities has nearly quadrupled, from 523 in 1980 to 2,043 in 1989.*" (1.26-32)
- (4) "*The study of Japanese is booming because knowing the language is seen as a ticket to a better-paying job.*" (1.33-7)
- (5) "*Japanese has a proper usage for men and another for women.*" (1.98-9)
- (6) "*Learning to speak it fluently is a formidable undertaking.*" (1.113-4)
- (7) "*Reading and writing Japanese is far more difficult.*" (1.115-6)

Os enunciados de (2) a (7) mostram o sujeito da enunciação assumindo a validade da relação predicativa de cada um dos enunciados. No grupo de enunciados que se segue, porém, a asserção é passada para diversos outros enunciadores (locutor 1, locutor 2 etc.) que o sujeito da enunciação introduz no texto. Por exemplo, pelo discurso direto:

- (8) "*Says she (Alice Young, a Japanese-speaking partner and head of the Japan Corporate Group at the New York law firm...): 'There is a whole new breed in the legal profession who have tried to master Japanese in order to get involved in U.S.-Japanese business dealings.'*" (1.65-9)
- (9) "*'Currently we have more than 2,500 students registered for classes on various levels', says Reiko Sassa, director of the program.*" (1.72-5)
- (10) "*'To understand the Japanese people and culture, the first step is language', says the Japan Foundation's Komai. Without language misunderstandings are born.*" (1.91-4)

Ou pelo discurso indireto:

- (11) "*Foreign business executives sometimes call the Japanese language a nontariff barrier to trade.*" (1.1-3)
- (12) "*In the 17th century European Jesuits called Japanese 'the devil's language' and believed it was designed to frustrate their missionary efforts in the country.*" (1.5-9)
- (13) "*In New York City and Paris, Kuala Lumpur and Taipei, record numbers of people are studying Japanese – 3 million worldwide, according to Shigeru Komai...*" (1.11-5)

Com suas próprias asserções, o locutor 1 assume uma posição com relação à propagação do interesse pela língua japonesa no mundo. Quando incorpora o discurso de outros sujeitos, é como se estivesse dizendo: "não sou só eu que estou afirmando isso; outros também o dizem e, portanto, não podemos ignorar". Notamos que nos enunciados de (2) a (13) não há marcas lingüísticas que denotem incerteza quanto ao conteúdo das relações predicativas aí contidas. Todas são validadas por um sujeito enunciador. Isso implica, por exemplo, a ausência de verbos modais e nos remete àquela constatação dos fatos sobre a situação da língua japonesa a que nos referimos anteriormente: é grande a procura pelo aprendizado do japonês, mas se trata de uma língua complexa.

Ao resumir sua posição, bem como a dos outros enunciadores introduzidos no texto, o sujeito da enunciação toma uma certa distância de seu enunciado. Marcam essa operação a nominalização e a passivização, como em (4), por exemplo:

- (4) "*The study of Japanese is booming because knowing the language is seen as a ticket to a better-paying job.*" (1.33-7)

onde aparecem as nominalizações "*study*" e "*knowing*" e a forma verbal passiva "*is seen*". Sobre essas questões assim se pronuncia Maingueneau:

a apassivação permite suprimir o agente da ação; a passiva pode, em seguida, ser nominalizada: nesse caso, não é somente o agente que é apagado, mas também o tempo, o modo, a pessoa, o aspecto: a distância entre o sujeito da enunciação e o enunciado se esconde, portanto, como num discurso didático. (1976, p.117)

Simultaneamente às operações de modalização, o sujeito da enunciação articula algumas operações de tematização, quando quer focalizar, por exemplo, a necessidade de se estudar japonês ou as dificuldades de seu aprendizado. Essa operação de focalização resulta de transformações subjacentes sintático-semânticas, aqui exemplificadas pelas inversões, em:

- (10) "'To understand the Japanese people and culture, *the first step is language*', says the Japan Foundation's Komai." (1.91-3)

e

- (14) "*Similarly, were a Western woman to employ the male usage, she might be considered vulgar by educated Japanese.*" (1.103-5)

A esses tipos de recursos enunciativos, Moirand dá o nome de "valores suplementares":

a "superfocalização" ou TEMATIZAÇÃO, ao introduzir os "valores suplementares", faz variar as relações entre os diferentes constituintes do enunciado; ela vem, com efeito, no discurso escrito, reforçar a asserção de base e, por conseguinte, aumentar a força do ato ilocucionário, tematizando, seja uma designação, seja uma predicação, seja uma avaliação, seja, enfim, uma modalização explicitamente deôntica. (1988, p.298)

Dessa forma, os enunciados que corroboram a asserção, acrescidos daqueles que trazem em si operações de tematização, caracterizam três tipos de modalidade: a asserção propriamente dita (tipo 1), a apreciação (tipo 3), uma vez que a tematização prioriza determinados elementos,⁵ e a modalidade intersubjetiva (tipo 4), pois tanto as asserções como a tematização visam convencer os co-enunciadores.

Convém que retornemos para a questão colocada pelo título, na qual o enunciador trabalha com uma possibilidade – possibilidade de a língua japonesa tornar-se a língua do futuro. Vimos que, embora o enunciador assevere que há uma grande procura por essa língua, marcas lingüísticas denotando incerteza (os modais “*may*” e “*can*” e a expressão adverbial modal “*hardly likely*” = “*may not*”, ver de (15) a (18) a seguir) são relacionadas com as dificuldades do aprendizado. Assim, o enunciador vai, aos poucos, desmontando a possibilidade que introduziu no início. Neste caso, os modais marcam uma outra possibilidade – a de o japonês não se tornar a língua do futuro (modalidade epistêmica, tipo 2). Vejamos os exemplos:

- (15) “*The language barrier may never fall completely, but today more and more people are trying to scale it.*” (1.9-11)
- (16) “*unless language training is combined with a teaching of Japanese culture, the road to communication can be full of pitfalls.*” (1.95-8)
- (17) “*One reason why Japanese orthography is so difficult is that unlike Chinese, each character may have several pronunciations and meanings.*” (1.124-9)
- (18) “*Japanese is hardly likely to surpass English as the second language most people choose to learn after their own – at least anytime soon.*” (1.110-3)

É importante assinalar que os sujeitos dos enunciados acima modalizados, isto é, de (15) a (18), são sujeitos inanimados: “*the language barrier*”, “*the road to communication*”, “*each character*” e “*Japanese*”, respectivamente. Trata-se de um recurso lingüístico utilizado pelo enunciador (o jornalista), por meio do qual ele tenta esconder sua opinião: é possível que ele ache difícil a aprendizagem da língua japonesa e queira passar isso aos leitores.

A esses enunciados marcados pela modalidade epistêmica, podemos acrescentar as asserções, já mencionadas em (5), (6) e (7), em que temos, respectivamente, um sujeito inanimado, “*Japanese*” (a língua), e os sujeitos expressos pelas nominalizações “*Learning to speak*” e “*Reading and writing Japanese*”, ou seja, formas impessoais de se colocar a dificuldade da língua japonesa.

Esse posicionamento do sujeito da enunciação quanto à língua japonesa vai nos levar à origem do texto: a revista americana *Time*. Pode-se questionar se é de interesse dessa publicação, de língua inglesa, mostrar a língua japonesa como a língua do futuro. Convém remetermos às observações de Lehmann sobre as dimensões sociológicas do texto:

5 Fuchs (1983, p.28-9) admite que é difícil traçar o limite das modalidades apreciativas, em especial no domínio das escolhas lexicais, porque, de certa forma, toda referência comporta uma apreciação.

Todo texto pode ser caracterizado por uma dupla dimensão, aquela que nós chamamos pragmática (quem é o autor? quais são os leitores visados? qual é o objetivo visado pelo autor quando ele escreve esse texto?) e outra que é mais precisamente textual, que será analisada em termos enunciativos. Entre essas duas dimensões, há uma estreita dependência e poder-se-ia imaginar que seja sistematicamente atualizada a relação que une cada sistema de enunciação em um texto à dimensão pragmática desse texto, dimensão pragmática que se pode analisar em termos sociológicos. (1980, p.xii)

Seguindo esse raciocínio, cremos, com Lehmann, que as marcas enunciativas de um texto se explicam, em grande parte, pela dimensão pragmática deste texto e remetem, em última instância, à posição do autor sobre o assunto em foco. "Como os sujeitos enunciativos são socializados, os textos carregam as marcas desta socialização" (Portine, 1979, p.36).

4 Exercícios

Propomos, a seguir, exercícios de compreensão sobre o texto "*The language of the future?*", com a finalidade de guiar a atividade de entendimento dos aprendizes, relacionando modalidade/marcas lingüísticas e atentando para a posição do autor, bem como para o contexto em foco.

Sem sobrecarregar os alunos com uma terminologia lingüística, nosso propósito é, por meio de uma operação generalizável entre as línguas, levá-los a encontrar os índices textuais que lhes permitam, de um lado, fazer previsões sobre a arquitetura do texto e formular hipóteses e, de outro, verificar, no próprio texto, estas hipóteses e previsões.

Exercício 1. Analise o texto e responda às seguintes questões:

a. qual a fonte deste texto (de onde foi retirado)?

b. quem é o autor?

c. quem é o público visado?

d. com que objetivo o autor escreve este texto?

Com esse exercício, visamos fazer os alunos refletirem sobre a importância de se conhecer a origem de um texto, sobre as possíveis implicações de um vínculo a determinada publicação de determinado país, isto é, os possíveis interesses que ela possa representar. É preciso ressaltar que este tipo de análise só tem valor para o ensino de língua se conjugada com outros exercícios, que vão ligar esse posiciona-

mento do autor com relação a seu texto às marcas lingüísticas que aí aparecem. Do contrário, estaremos fazendo apenas análise do conteúdo.

Exercício 2. Por que o autor coloca o título na forma interrogativa? Por que não usou a forma afirmativa ("*The language of the future*")?

Com esse exercício, queremos que os alunos percebam a modalização que o autor faz ao colocar seu título na forma interrogativa: instaura a dúvida e deixa para os leitores a tomada de decisão sobre esta relação predicativa. Obviamente, as outras modalizações que o autor opera no decorrer do texto vão influenciar neste posicionamento dos leitores.

Exercício 3. Sublinhe os verbos nos períodos abaixo (grupos A e B):

Grupo A

- a. "*Last year The Berlitz language center in Paris taught 3,000 classes in Japanese, an increase of 69% since 1986.*" (1.24-6)
- b. "*The number of Americans studying at Japanese universities has nearly quadrupled, from 523 in 1980 to 2,043 in 1989.*" (1.29-32)
- c. "*Japanese has a proper usage for men and another for women.*" (1.98-9)

Grupo B

- a. "*...the road to communication can be full of pitfalls.*" (1.97-8)
- b. "*...each character may have several pronunciations and meanings.*" (1.127-9)
- c. "*Japanese is hardly likely to surpass English...*" (1.110-1)

Estabeleça relações entre os verbos de cada grupo e o posicionamento do autor sobre o conteúdo dos períodos.

O objetivo deste exercício é fazer os alunos/leitores perceberem que o primeiro grupo não apresenta verbos ou expressões verbais que sugiram incerteza do enunciador quanto à validação de seu enunciado (ele assume a predicação), o que não ocorre com os verbos do segundo grupo. Baseados nesses exemplos, podemos trabalhar o valor dos modais destacados pelos alunos, incluindo os demais modais do texto e outros que não aparecem neste texto, desde que devidamente contextualizados.

Cabe ressaltar aos aprendizes que, no exemplo "c" do Grupo B, a possibilidade de o japonês se tornar a língua do futuro é enfraquecida, não propriamente pelo

modal, mas por uma outra marca lingüística que tem praticamente o mesmo valor – a combinação da expressão adverbial “*hardly likely*” à locução verbal.

É importante acrescentar ainda um exercício em que os alunos verifiquem quais são os enunciados assumidos pelo primeiro enunciador do texto e quais aqueles que ele atribui a outros enunciadores.

Exercício 4. Compare os períodos do exercício 3 (Grupo A) com os períodos abaixo. Quem é responsável pelas declarações?

- a. “‘Currently we have more than 2,500 students registered for classes on various levels’, says Reiko Sassa, director of the program.” (1.72-5)
- b. “‘To understand the Japanese people and culture, the first step is language’, says the Japan Foundation’s Komai.” (1.91-3)
- c. “Foreign business executives sometimes call the Japanese language a nontariff barrier to trade.” (1.1-3)
- d. “In New York City and Paris, Kuala Lumpur and Taipei, record numbers of people are studying Japanese – 3 million worldwide, according to Shigeru Komai, deputy director of the Japanese Language Institute...” (1.11-6)

- 3. a _____
- b _____
- c _____

- 4. a _____
- b _____
- c _____
- d _____

Por que o autor do texto cita declarações de outras pessoas?

Exercício 5. Analise 4 a, b, c e d e aponte as marcas que evidenciam serem esses períodos atribuídos a pessoas que não o autor.

- 4. a _____
- b _____
- c _____
- d _____

Há diferenças de marcas entre os períodos de 4?

Além do objetivo já explicitado, este exercício visa levar os alunos a verificar que marcas lingüísticas o sujeito da enunciação utiliza para atribuir enunciados a outros sujeitos enunciadores, distanciando-se, assim, daquilo que diz e, ao mesmo

tempo, trazendo a força de autoridades para corroborar suas declarações, isto é, passando a responsabilidade da asserção a outros. Após este exercício, é possível trabalhar com discurso direto e indireto e as formas verbais que aparecem em um e outro caso.

5 Conclusão

Apresentamos, assim, um trabalho em situação de ensino, enfocando a análise da modalidade como elemento facilitador no processo de reconhecimento de textos em língua inglesa.

Situando a operação de modalização, comum às várias línguas, dentro da teoria das operações enunciativas, discorreremos sobre a tipologia da categoria da modalidade apresentada por Culioli e, a partir daí, embasamos uma análise "pré-pedagógica" do texto, associada a uma proposta de exercícios – sugestão para atividades em aula de leitura.

Ressaltamos, com esta abordagem, a necessidade de se atentar para o papel dos enunciadores do texto (sujeito enunciator e co-enunciador), para sua orientação com relação à situação de enunciação e para as marcas lingüísticas que constituem traços de operações enunciativas. Dessa forma, a própria análise da modalidade constitui um caminho para a prática efetiva da leitura em língua estrangeira.

DOTA, M. I. M. Modality: a direction to reading in English. *Alfa (São Paulo)*, v.40, p.175-188, 1996.

- **ABSTRACT:** *Based on a modalization operation analysis, common to various languages, this paper suggests a practical work dealing with the text, aiming at the improvement of the teaching of reading in English.*
- **KEYWORDS:** *Modalization; reading; enunciation; enunciators.*

Referências bibliográficas

- ATLANI, F. *Approche linguistique du fonctionnement discursif: un exemple, la presse écrite.* Thèse de 3^e cycle. Université de Paris VII, 1981.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral.* Trad. de João Wanderlei Giraldo. Campinas: Pontes, 1989. v.2.
- BOIVIN, M. et al. Modalité et énonciation: le discours argumentatif en milieu scolaire. *Langues et Linguistique*, n.18, p.183-91, 1992.
- BOUSCAREN, J. *Linguistique anglaise: initiation à une grammaire de l'énonciation.* Paris: Ophrys, 1991.

Education

The Language of the Future?

Around the world, millions of people of all ages are taking up the study of Japanese—and not just for the fun of it

By Annamaria Johnson

Foreign business executives sometimes call the Japanese language a scientific barrier to trade. They are not the first to express frustration with a complex and subtle tongue. In the 17th century European Jesuits called Japanese "the devil's language" and believed it was designed to frustrate their missionary efforts in the country. The language barrier may never fall completely, but today more and more people are trying to scale it. In New York City and Paris, Kuala Lumpur and Taipei, record numbers of people are studying Japanese—3 million worldwide, according to Shigen Kunita, deputy director of the Japanese Language Institute, a branch of the quasi-governmental Japan Foundation in Tokyo.

Some American high schools are making strides in Japanese vocabulary. Next year high school students in Thailand will be permitted to take Japanese instead of English to fulfill their foreign-language requirements. Last year the Berlin language center in Paris taught 3,000 classes in Japanese, an increase of 69% since 1986. American college students, who used to spend a junior year in France or Britain, now frequently go to Japan; the number of Americans studying at Japanese universities has nearly quadrupled, from 525 in 1980 to 2,045 in 1989.

The study of Japanese is becoming business knowing the language is seen as a ticket to a better-paying job. Says Hirokazu Suzuki of the International Center at Waseda University in Tokyo: "Native people come here to be scholars. Now they come to be businessmen." Mary Ellen Young, a teacher of Japanese at the Kenwood Academy, a public high school in Chicago, says pupils in her classes often say, "My father told me that Japanese is the language of the future." By contrast, she says, 10 years ago, Japanese seemed "so exotic, so strange, so foreign that people were kind of scared of it."

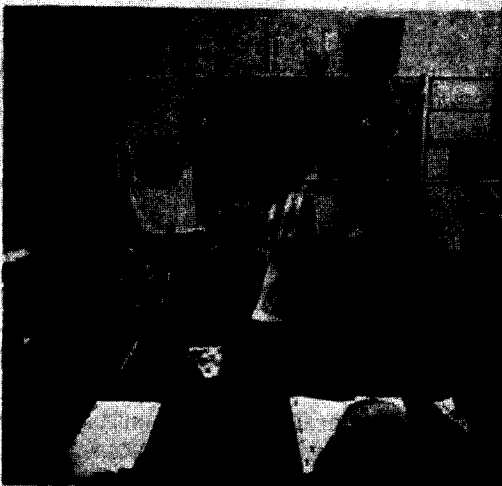
For Alice Young, a Japanese-speaking partner and head of the Japan Corporate Group at the New

York law firm of Milbank, Tweed, Hadley & McCloy, knowledge of the language has already paid off: she helped work out the details of the Mitsubishi Estate Co.'s purchase of the controlling interest in Rockefeller Center. Says she: "There is a whole new breed in the legal profession who have tried to master Japanese in order to get involved in U.S.-Japanese business dealings."

Many of them study at the Japan Society in New York City, which caters primarily to adults. "Currently we have more than 2,500 students registered for classes on various levels," says Robin Sano, director of the program. "All five evening classes are filled to capacity, and we also have lunchtime and daytime classes." To help alleviate the demand for additional



Japanese textbooks used by Shultz in Paris, and in a classroom in Australia. High school students learn some body language



courses, the Toyota Motor Corp. has just announced plans to give the society a \$1.25 million grant for a new building, which will contain additional classrooms, a language laboratory and a library.

Keith Taylor, director of the Center for Japanese and East Asian Studies in London, sees a similar phenomenon in Britain, where a growing number of law firms, banks, insurance and real estate, oil and trading companies are starting to require a working knowledge of Japanese.

"To understand the Japanese people and culture, the first step is language," says the Japan Foundation's Kunita. "Without language, misunderstandings are born."

Even then, unless language training is combined with a teaching of Japanese culture, the road to communication can be full of pitfalls. For example, Japanese has a proper usage for men and another for women. These are not interchangeable, so a man conversing in Japanese learned, say, from a Japanese girlfriend could look very foolish. Similarly, were a Western woman to display the male usage, she might be considered vulgar by cultured Japanese. Not to mention the problem of picking and conjugating the proper verb form—from a choice of humble, honorific, casual and formal, depending on the social occasion.

Japanese is hardly likely to surpass English as the second language most people choose to learn after their own—at least anytime soon. Learning to speak fluently is a formidable undertaking, although it can be mastered with dedication. Reading and writing Japanese is far more difficult. It takes over Japanese students, whose reputation for painstaking study is well deserved, until their last year of high school to learn

the 2,000 characters considered requisite for daily use; a college textbook contains about 5,000 characters. One reason why Japanese orthography is so difficult is that unlike Chinese, each character may have several pronunciations and meanings.

The Japanese government is pleased with the overseas trend to learn the language, but some Japanese are a bit mischievous that their world may become more open to outsiders. As a Tokyo banker observes, "Ten years ago, when you were talking to a foreigner, you could make fun of him if you wanted to. Now you have to be careful." —Annamaria Johnson, author of *Shogun: The Making of a Warrior*

- BOUSCAREN, J., CHUQUET, J. *Grammaire et textes anglais: guide pour l'analyse linguistique*. Paris: Ophrys, 1987.
- CULIOLI, A. *Transcription du séminaire de D.E.A. de M. A. Culioli: 1975-1976*. Paris: Université de Paris VII, D.R.L., 1976.
- _____. *Notes du séminaire de D.E.A.: 1983-1984*. Paris: Poitiers, 1985.
- FUCHS, C. Variations discursives. *Langages*, n.70, p.15-33, 1983.
- LEHMANN, D. *Lecture fonctionnelle de textes de spécialité*. Paris: CRÉDIF, 1980.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. v.2.
- MAINGUENEAU, D. *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*. Paris: Hachette, 1976.
- MOIRAND, S. *Une histoire de discours...* Paris: Hachette, 1988.
- PORTINE, H. Français fonctionnel et apprentissage de la grammaire. *B.E.L.C. (Paris)*, p.1-64, 1979.
- SOUESME, J.-C. *Grammaire anglaise en contexte*. Paris: Ophrys, 1992.
- VIGNAUX, G. *Les discours acteur du monde*. Paris: Ophrys, 1988.